

## Tecendo novas pedagogias de ação: Mulheres Negras da Baixada e suas narrativas

Roberta Renoir Santos Fumero<sup>1</sup>

Veronica Cunha<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto propõe detalhar a trajetória de formação de um coletivo de mulheres negras da Baixada (Mulheres do Ler), que inicialmente se une para a escrita de uma antologia que descreve em diferentes linguagens (prosa e verso) suas vivências como mulheres, negras e de periferia. Essa produção fomenta um movimento que ultrapassa as questões literárias (atualmente o grupo está no seu quarto livro) em torno de temáticas sobre negritude mas toma um caráter de construção de formação (pedagogia de teia) que trabalha por uma sociedade antirracista.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras; Baixada Fluminense, Formação; Resistência

A sociedade atual precisa e deve debater o racismo, conhecer suas consequências e trabalhar de maneira sistemática e profunda na construção uma comunidade antirracista. Essa é uma tarefa árdua, que exige um permanente movimento de se reinventar e montar novas estratégias de enfrentamento. Djamila Ribeiro em "Pequeno Manual Antirracista" (2019b) nos sinaliza que o racismo é estrutural, é um sistema de opressão que nega direitos e cria desigualdades latentes e profundas no nosso povo. Compreender e agir contra tais elementos é algo fundamental e urgente.

As mulheres são alicerces importantes para estruturação desse pensamento antirracista. A filósofa feminista americana Angela Davis menciona que "Quando uma mulher negra se movimenta toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela".<sup>3</sup> Isso é fato, no sentido que a pirâmide social está alicerçada nessas mulheres negras, desestabilizando essa estrutura muda-se a base do capitalismo". A autora ainda destaca que:

O feminismo negro emergiu como um esforço teórico e prático de demonstrar que raça, gênero e classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos. Na época do seu surgimento, com frequência pedia-se às mulheres negras que escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento de mulheres. A resposta era que a questão estava errada. O mais adequado seria como compreender as interseções e as interconexões entre os dois movimentos. (DAVIS, 2018, p. 21).

<sup>1</sup> Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) na Universidade Federal do Rio de Janeiro - [robertarenoirfumero1973@gmail.com](mailto:robertarenoirfumero1973@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) - [professoraveronicacunha@gmail.com](mailto:professoraveronicacunha@gmail.com)

<sup>3</sup> Discurso de Angela Davis durante a conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA.

No Brasil, tal temática ganha novos contornos no início da década de 1970, com o Movimento de Mulheres Negras (MMN), cujas pautas se basearam em cinco temas fundamentais, que são: legado de uma história de luta; interligação entre gênero, raça e classe; combate aos estereótipos ou imagens de controle; atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; política sexual. Nesse movimento de afirmação teremos a ação de um grupo expressivo de mulheres como: antropóloga Lélia Gonzales; a historiadora e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres Beatriz Nascimento; a socióloga Sueli Carneiro; a escritora Conceição de Evaristo; a socióloga Vilma Reis; a Maria Escolástica da Conceição - ialorixá Mãe Menininha do Gantois; a vereadora Marielle Franco; a filósofa e escritora Djamila Ribeiro e de muitas outras mulheres negras que trouxeram/ trazem o foco das discussões para a processo de invisibilização e exclusão do povo negro e tais reflexões nos convocam a variadas formas de enfrentamento: político, filosófico, religioso.

Na trilha / ou seguindo o caminho dessas mulheres que se inseriram em variados segmentos negros e considerando os temas mencionados, Sant'Anna (2004) menciona questões nucleares que o movimento deveria cumprir: a primeira seria contar a própria história, divulgar a trajetória das mulheres negras, se possível trazendo referências de escritoras negras brasileiras no intuito de recordar momentos de organização política das mulheres negras brasileiras. Ou seja, temos um chamado a divulgação das histórias dessas mulheres negras, pode se categorizar como construção de referencial. Posteriormente a autora aponta também a necessidade de se analisar quanto as mulheres negras sinalizam suas dificuldades de sobrevivência sejam elas sociais, econômicas, políticas e culturais conectando-os aos problemas estruturais da sociedade brasileira, para tanto. Uma terceira questão seria explicar porque distinguir os interesses e as necessidades das mulheres negras frente as de outras mulheres brasileiras ainda é algo importante, aqui sem distinções de classe social, local de nascimento, profissional, estado conjuga e outras.

Nesse ponto, reconhecer-se como mulher negra brasileira é uma que estão de estabelecimento de identidades. É dentro desse contexto histórico e teórico que emergem uma série de ações que visam concretizar tais propostas, estabelecer uma visão de mundo mais igualitária e antirracista, unindo-se para isso a mulheres não negras também. Afinal, o racismo é um problema de todos e todas. É desafio teórico compreender como mulheres que atuam na Baixada Fluminense desenvolvem sistematicamente uma prática educativa de leitura literária que conte outras histórias. A construção desse artigo vem nesta perspectiva; apresentar as narrativas dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos nos espaços não

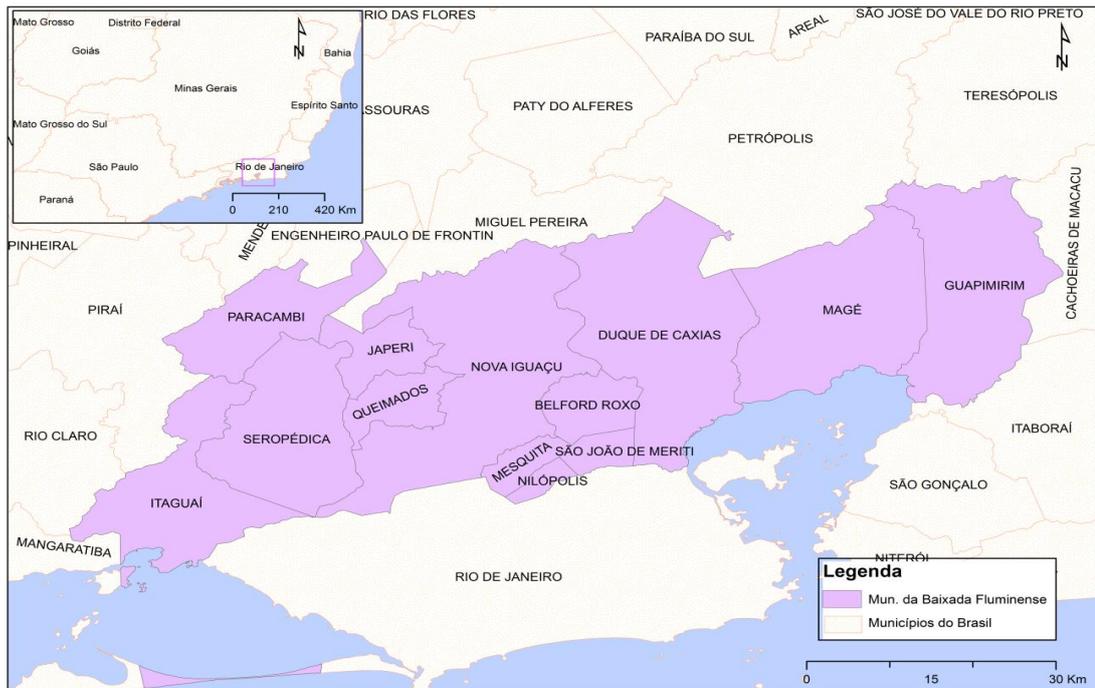
escolares. São as vozes guardadas, como nos diz Elisa Lucinda (2016). O desafio é que, contando outras histórias provocadas pelos textos literários, as mulheres saiam do não lugar que o patriarcado insiste em colocá-las .

Gramsci (1989), dizia que a educação deve ser um bem comum que permita homens e mulheres, independente da classe social, possam ter condições de articular as transformações sociais necessárias. A escola, ainda que exerça um papel de extrema relevância para a na diminuição das desigualdades, não dá conta de reduzir os contrastes sociais do país. Em se tratando de EJA, a escolarização passa a ser uma peça indispensável para o desenvolvimento das pessoas já que tem como público alvo àqueles que não tiveram oportunidades educacionais ou que as tiveram de forma insuficiente, não contemplando o seu direito constitucional de desenvolvimento pleno.

Desta maneira, questionamo-nos: Como os espaços não formais se configuram numa potência na educação de jovens e adultos ? Que realidades essas mulheres estão criando a partir das leituras literárias a que têm acesso, seja na escolarização ou na vida? O que move e promove o desejo de conhecer mais profundamente a si mesmas e as suas realidades? Como essas mulheres interagem, criam e recriam leitura literárias outras a partir do seu cotidiano. Que leituras e que textos elas?

A Baixada Fluminense é uma das áreas em que as marcas de exclusão social permanecem visíveis; o acesso a saúde, a educação seguem sendo um grande desafio; apesar de formação cultural riquíssima existe um longo caminho para um real reconhecimento da sociedade. Este panorama descrito e sua trajetória de construção instigam-nos quanto pesquisadoras no entendimento de como a EJA, nos espaços não formais na Baixada Fluminense, área do Rio de Janeiro ainda tão marcada pela exclusão e achatada entre este processo de povoamento e globalização, através do trabalho literário não só resgata a formação humana nas suas práticas, mas também desenvolver conhecimentos e habilidades a fim de atender às necessidades de atuação no território.

#### **Mapa da Região da Baixada Fluminense**



Fonte: Elaborado por Juliana Siqueira Mota.

Nessa zona caracterizada como periférica, apesar de todas as diversidades ou justamente por elas, surgem movimentos como o Mulheres do Ler - coletivo de mulheres que deseja difundir a literatura e as discussões em torno das temáticas sobre negritude em diferentes localidades e segmentos sociais.

Temos um grande desafio atuando na baixada fluminense desenvolvendo sistematicamente práticas educativas de leitura literária que possibilitem que outras histórias sejam contadas. Uma história de mulheres que, lidando com o racismo e o sexismo, repensam o papel delas na sociedade, e a própria sociedade, reescreve o mundo. Chimamanda Ngozi Adiche (2010) alerta-nos quanto aos males que a sonegação de histórias pode causar. Uma história contada apenas pelo ponto de vista de uma parte da população cria estereótipos, mostra cenários incompletos, roubam memórias. Contudo, podemos resgatar outras histórias que importam. Muitas outras histórias são importantes. O resgate dessas escrituras pode reparar uma dignidade silenciada pelo epistemicídio (CARNEIRO, 2023)

Então, o processo se inicia com um trabalho de roda de leitura de autoras negras em uma sala de Educação de Jovens e Adultos no município de Queimados (Baixada Fluminense), na perspectiva de discutirmos a causa de muitas dessas mulheres apresentarem uma autoimagem negativa e de dizerem-se incapazes em relação à leitura. O interesse foi crescendo e o grupo passou a ser mensal para conversar sobre o Livro Olhos d'água, que mais chamou atenção delas. Cabe refletirmos conceitos como o de escritura lançado por

Conceição de Evaristo em que a escrita preta vem nos ajudar na revisita a nossa história e na construção de novas possibilidades de inserção no mundo acadêmico e/ou outros espaços, recusando a negação de direitos e aniquilamento de nossas potencialidades (Evaristo, 2009). Por meio do livro escolhido, discutimos a pobreza e a violência urbana, que é uma realidade da região. A busca era que através dos contos de Conceição, que as mulheres ampliassem sua criticidade frente à vulnerabilidade que vivem e que a tessitura poética e ficção em Evaristo sejam inspiração para uma nova análise de mundo. Tal dimensão dialoga com as perspectivas de Paulo Freire, quando este menciona que "A educação, qualquer que seja o nível que se dê, se fará tão o mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a sua expressividade" FREIRE (2011). Entende-se que o elemento impulsionador do trabalho interligasse com a possibilidade de expressão de cada grupo.

A escrevivência, como afirma Conceição Evaristo (2014), é mais que escrever sobre si. É a escrita de nós. É um chamamento para que todas e todos tenham as suas escritas-vida marcadas na sociedade e com elas possam reescrever suas histórias. Ela conclama outros e outras ao protagonismo. O que Freire (1996) já chamou de pronunciamento e Hooks (2017) chama de insurgência, podem conversar neste trabalho, a fim de construir um caminho teórico metodológico que vislumbre a organização de uma pedagogia da teia na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e por todo Brasil, a partir de cada mulher como fio.

Durante o processo gradativamente se incorpora outras ( Carolina de Jesus, bell hooks, Lélia Gonzales e mulheres da própria região que estão adentrando e circulando no mundo literário) entendermos sempre que o objetivo é através dos textos dessas mulheres dialogar sobre as temáticas em torno das questões de negritude e gênero.

Como sabemos que uma ação impulsiona outras, dessas rodas surgiu a proposta de se escrever um livro com as narrativas de mulheres negras da Baixada. 26 mulheres de diferentes formações, idades, crenças e histórias de vidas singulares que se unem para reverberar os significados de ser mulher, negra, na Baixada Fluminense ( e nas áreas periféricas desse nosso país). Sabemos que a produção de um livro não se limita ao mero contar histórias ou colocar ideias no papel, na verdade é entrelace de sentimentos, aspirações, formas de expressão que propõe uma reflexão. O movimento cresce, ganha dimensões maiores de atuação de coletivo.

A historiadora e escritora Amanda Guerra, autora do posfácio do livro Mulheres do Ler dimensiona de maneira sensível quem são essas mulheres.

São mulheres negras da Baixada Fluminense, suas experiências de vida, suas existências e persistências, a forma com o lidam com as tentativas de silenciamento, inventando jeitos de se dizer, como a roda de leituras que as uniu, como esse livro as projeta. O fio que borda essas vivências, a tinta que pinta essas páginas é coragem. (Cunha, 2020, p.80)



O primeiro livro foi lançado em Dezembro (2020) de forma virtual, contudo nesse momento pretendemos detalhar algumas das ações que surgiram por conta da organização do coletivo em torno da produção do material. Uma dessas atividades foi *Quartas de Afroafetos*, uma série de lives organizadas durante as quartas feiras do mês de Novembro de 2020 em que lia-se poemas que perpassavam pelas temáticas de negritude sendo estes de autorias diversas. Dialoga-se com pessoas que desenvolvessem projetos relevantes Baixada Fluminense, Rio de Janeiro e até Angola ou seja a ideia era conhecer, debater e potencializar ações que fossem relevantes nas suas localidades, disseminar a poesia como instrumental de troca de sentimentos, valorização da cultura afro brasileira, além de impulsionar estratégias de resistência e de novas formas de posicionamento na sociedade. Essas mulheres, como grupo mostram que indivíduos que se unem por uma causa estabelecem nos direcionamentos no seu meio social.

É relevante gratificante integrarmos a constituição de um coletivo de mulheres negras, que tem como objetivo comum a implementação de uma sociedade com direitos mais igualitários, que grupos ainda classificados como minoritários alcancem visibilidade e assumam mudanças nesse estado de coisas. A luta antirracista é de todos (as). Urge que ouçamos o que as mulheres tem a dizer. Faz-se necessário que nos comprometamos com um ato de ler e escrever vinculado a uma forma de se inscrever no mundo.

Ao dimensionarmos a metodologia aplicada do trabalho, fica evidenciado com base nos estudos de Minayo (1994), que apresenta a pesquisa qualitativa como um conjunto de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um exercício mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser minimizados à operacionalização de variáveis. Tendo isso com premissa, ao visualizarmos a proporção e abrangência dos trabalhos atualmente entendemos existir a construção de uma pedagogia em teia, em que todos os processos de formação e ação se sustentam no movimento de vários indivíduos e no apoio entre eles. Ou seja, em consonância com a trajetória do grupo e com a propostas de ação estruturadas por ele.

Toda investigação da realidade tem como ponto de partida um interesse de conhecimento ou de saber. Nenhum interesse de conhecimento pode ser resolvido na forma como se manifestou espontaneamente à mente do investigador e foi formulado como tema de investigação. Todos necessitam ser delimitados, concretizados para serem acessíveis à indagação científica.

É sem dúvida um grande desafio buscar percepções e sentidos das relações interpessoais entre no trabalho elaboração e publicação de obras. A pesquisa se aprofunda fazendo aparecer as percepções dos informantes que não estariam evidentes em estudos meramente quantitativos. Essa abordagem, em nosso entendimento, é a que melhor adequar a experiência em questão, justamente por possibilitar essa interação mais aproximada entre as pesquisadoras e o público participante da investigação. Nesse sentido, acreditamos também que a investigação aqui proposta se aproxima da pesquisa-ação, como caminho metodológico por entender que somente com uma interação próxima, dialógica e que evoque a confiança desses sujeitos, será possível perceber as leituras de mundo produzidas por eles a partir do contato com os textos literários.

O que não quer dizer que será possível com a pesquisa abarcar ou apreender a totalidade de todas as coisas, de todos os fenômenos reais envolvidos neste objeto de estudo, mas no desenvolvimento do estudo será perseguido o movimento de ir e vir na análise dos fatos estudados, onde "o todo *se cria a si mesmo* na interação das partes". (KOSIK, 1976, p. 42)

Quando nos deparamos com trabalhos tão potentes o direcionamento é que não devemos desistir. Freire (2013) nos diz "Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico". Entendemos que só existe uma opção persistir e seguir. Todavia não é um seguir sem rumo, na solidão. Cunha (2021) nos convoca ao

aquilombamento, afirmando que é preciso convidar muitas outras pessoas para caminharem conosco e contarmos histórias juntos.

Por conseguinte, é preciso cuidar do não esgotamento da palavra. O que Freire chamou de “palavreria”, verbalismo. É preciso fazer a denúncia do mundo, construindo a transformação dele, reinventando ser humano e suas aprendizagens no processo de autonomia. O silêncio não pode fazer parte da existência humana. É através do pronunciamento que os homens vão existindo e nutrindo a sua humanidade. Cada vez que o ser humano pronuncia o mundo, modifica-o. Os sujeitos, fora da relação de dominação, falam a sua palavra, comprometem-se com a sua causa e isto é um ato de coragem. (FREIRE, 1996).

Existe uma canção muito significativa que da nome ao grupo numa rede social (**Marias do Ler** pois não era possível **Mulheres do Ler**), ela sintetiza o quanto o processo de autoafirmação e luta é árduo mas o que não devemos desistir.

### **Maria, Maria**

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida

Mas é preciso ter força.  
(Milton Nascimento)

Somos Marias de todos os cantos e seguimos nessa construção. O grupo está com outras atividades fomentadas a partir da divulgação dos livros e sendo assim cumprindo a missão de potencializadores de pensamentos críticos e práticas de transformação da sociedade.

Em momentos tão difíceis quanto os que vivemos, facilmente nos vemos desencorajados, a esperança fica num limite tênue de falta de visão do mundo ou ingenuidade, os desafios e as lutas parecem mais fortes que qualquer das nossas ações, Leonardo Boff no prefácio do livro *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire nos chama para reflexões.

A esperança nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o oprimido como sujeito. Pois ela implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam ao longo da história. E ao mesmo tempo anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador. FREIRE (2013)

Isto posto, seguimos acreditando na urgência de movimentos de transformação, que mobilizem as diferentes representações da nossa sociedade e que contribuam para efetivação dos principais direitos do nosso povo.

## REFERÊNCIAS

ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMORIM, Christine e MARIA, Giselle. (orgs.). **Mulheres do Ler II**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2021

CUNHA, Veronica (Org.). **Mulheres do Ler**. Rio de Janeiro; Conexão7, 2020.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo, Boitempo, 2018

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: SCRIPTA 13, 2º sem. 2009. p.17-31.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1ª edição: Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: SCRIPTA 13, 2º sem. 2009. p.17-31.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª edição. São Paulo: editora WMF, Martins Fontes, 2017.

\_\_\_\_\_, B. **E eu não sou uma mulher?** – 4ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020



FUMERO, Roberta; Azevedo, Loide; Cunha, Veronica (orgs.). **Mulheres do Ler III**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2022.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos** / Paulo Freire. 14.ed. atual - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Esperança** [recurso eletrônico]: um reencontro com a pedagogia do oprimido/ Paulo Freire. 1.ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1989, 1989, 4ª edição

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUCINDA, E. **Vozes guardadas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2016

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do Conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. 3ª edição, São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1994

PERES, Guilherme. Os caminhos da Baixada. *In*: TORRES, Gênesis (Org). **Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política**. São João de Meriti,RJ: PAHB Editora, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a. 112p. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro)

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.